PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

No. 36 Dezembro de 1969 Ano V

DOCUMENTO VALIOSO

"Responder ao Banditismo da Ditadura com a Intensificação das Lutas do Povo" é o título do documento aprovado pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil em sua última reunião. Neste documento analisa-se os sérios acontecimentos ocorridos no país e se indica o modo pelo qual os comunistas devem orientar-se no cenário político.

O Comitê Central destaca que, nos últimos meses, agravou-se sobremodo a situação nacional. Uma junta militar, em apenas sessenta dias, decidiu despoticamente sobre questões que, por sua magnitude, dizem respeito a toda a nação. Generais fascistas erigiram-se em colégio eleitoral e designaram o novo ocupante do Palácio do Planalto. O govêrno de Garrastazu foi caracterizado pelo órgão dirigente do Partido como uma ditadura militar de cunho terrorista que nada tem de comum com os interesses nacionais. A principal missão do atual govêrno é esmagar a ferro e fogo o movimento democrático e patriótico. Mas o governo de Garrastazu, embora se esforce para aparantar estabilidade e força, é fraco e instável.

Abordou também o Comitê Central a resistência popular a ditadura. Os militares declararam abertamente guerra ao povo que é tratado como inimigo. As menores reivindicações das massas são esmagadas brutalmente. Crescem as dificuldades dos trabalhadores. Seu nível de vida tornou-se mais baixo ainda. Mas o povo brasileiro não se conforma com o atual estado de coisas e luta, sob diferentes formas, contra o regime militarista.

Quando a ditadura emprega a violência sempre maior e trata de impedir qualquer atividade política de massas — alerta o Comitê Central — é mister golpear o inimigo em toda parte, desenvolver o trabalho de massas tanto aberto como clandestino. O país passa por uma situação que exige o emprego de ações revolucionárias de diferentes modalidades, o que não significa copiar o que fazem os elementos de tendencia "foquista".

Importantes aspectos do combate à ditadura são a denúncia do terrorismo dos militares, a luta pela libertação dos presos políticos e em defesa das liberdades democráticas, a exigencia das reivindicações economicas das massas e o desmascaramento do entreguismo. Toda atividade hoje realizada contra a ditadura — diz ainda o Comitê Central — deve contribuir para o desencadeamento da guerra popular. Para responder a guerra imunda que a reação vem movendo contra a esmagadora maioria da nação, os brasileiros devem empenhar-se numa guerra do povo.

O documento do Comitê Central dá particular destaque a revolucionarização do Partido. Afirma que o PC do Brasil tem uma linha correta, mas a aplicação desta linha é ainda insuficiente. Todos os militantes têm que se dedicar profundamente à tarefa de pôr em prática a orientação partidária. O CC examinou os entraves que se antepõem ao cumprimento desta tarefa. Mostrou que ainda subsistem métodos e estilo de trabalho inadequados; se verificam certas manifestações de direita e de "esquerda" nas fileiras do Partido; e se observa também de parte de militantes e dirigentes uma conduta rotineira e conservadora imprópria de um partido revolucionário. Lutar para superar estes entraves é problema de fundamental importancia.

A recente reunião do Comitê Central assume especial significado para forjar um partido de ação política, um partido para uma época de choques abertos com a reação, de luta pela derrubada da ditadura e da dominação imperialista.

CAMPANHA DEMOCRÁTICA (Comentário Nacional) Página 3

DIPLOMACIA DE BANDIDOS (Panorama Internacional) Página 4

GUIA INESQUECÍVEL DO PROLETARIADO MUNDIAL Página 7

Perseguição a Estudantes

GUANABARA (Do Correspondente) - A situação dos universitários na antiga capital da República é das mais difíceis. Os prepostos da ditadura transformaram as faculdades em centros de perseguição aos estudantes e professores e de violencias contra os jovens. É bastante revelador o que vem acontecendo no Instituto de Ciências Sociais.

Após o Decreto 477, esta escola Superior tornou-se verdadeiro campo de concentração. Não falta nem mesmo o arame farpado, que foi colocado no portão principal deixando pequena passagem a fim de facilitar a prisão de estudantes.

O diretor do Instituto, professor Eduardo Prado, exerce funções de alcagüete, apontando os alunos que não se submetem à política da ditadura. Além disto, funciona no edifício da faculdade um grupo de oito policiais, alguns bem jovens, pertencentes ao CENIMAR e ao Serviço Secreto da Aeronáutica. Tais indivíduos fazem as chamadas de presença dos estudantes, entram e saem quando bem querem das salas-de-aula. São tipos bastante grosseiros e costumam dirigir piadas indecentes às alunas. Há revolta geral dos universitários contra estes beleguins. Até mesmo os funcionários sentem-se constrangidos com tão indesejável companhia.

Recentemente ocorreu fato gravíssimo e verdadeiramente chocante. Uma aluna foi forçada a entrar em um carro para prestar depoimento na polícia. Depois de rodar várias horas pela cidade, levaram-na novamente ao Instituto, já então com o expediente encerrado. Lá não se encontravam mais professores e funcionários. Aproveitando-se desta circunstancia, aquele grupo de policiais cometeu violencias sexuais contra a jovem. Os miseráveis ameaçaram-na com maiores humilhações caso relatasse o ocorrido. No entanto, ela narrou o fato aos colegas que, por sua vez, comunicaram-no ao diretor. Êste não tomou nenhuma providencia, tornando-se assim conivente com o crime. Sem garantias de espécie alguma, as jovens alunas já não se atrevem a andar sozinhas pelas dependencias da escola.

Um clima de insegurança e terror reina no Instituto de Ciências Sociais. A maioria dos professores foi demitida. Mais de cinqüenta alunos estão sendo processados pela Justiça Militar. Outros tiveram suas matrículas canceladas. Todos os membros do Diretório Acadêmico estão presos ou foragidos.

Assim são tratados os estudantes sob a ditadura militar terrorista.

"Que a burguesia se sobressalte, irrite-se até perder a cabeça; que ultrapasse os limites, faça tolices, vingue-se por antecipação dos bolcheviques e se esforce por aniquilar centenas, milhares, centenas de milhares de bolcheviques de ontem ou de amanhã; ao fazer isso, procede como procederam tôdas as classes condenadas pela história a desaparecer. Os comunistas devem saber que, seja como fôr, o futuro lhes pertence."

(V.I. LÊNIN)

VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA

Um partido que prega a revolução, como o PC do Brasil, deve atuar na mais rigorosa clandestinidade.

Suas organizações não podem ser conhecidas do inimigo de classe. É necessario resguardar os militantes dos golpes da reação a fim de que possam desenvolver sua atividade e cumprir suas tarefas partidárias. É evidente que as medidas de segurança não teriam sentido se protegessem as organizações e os membros do Partido de tal forma que êstes nada pudessem realizar. Impõe-se, deste modo, uma justa combinação do trabalho aberto com o trabalho clandestino.

Na atual emergência, em que a ditadura ativa a perseguição aos comunistas, não se pode tolerar qualquer liberalismo. Os militantes devem conhecer unicamente os camaradas que com ele trabalham. É preciso evitar as reuniões desnecessárias ou numerosas, a realização de ativos em que todos ficam se conhecendo, a transmissão de dados em reuniões amplas que põe a descoberto todo o trabalho de organização. Não se justifica, hoje em dia, conservar listas de endereços, nomes de pessoas amigas do Partido, materiais comprometedores, etc. Tampouco se justifica, andar sem documentos de identificação e transportar materiais do Partido sem as necessárias precauções.

Desenvolver a vigilância revolucionária é uma necessidade da hora presente.

Comentário Nacional

Campanha Democrática

Acuado pela condenação, no país e no exterior, dos monstruosos crimes que vêm sendo perpetrados contra os presos políticos, o governo de Garrastazu viu-se obrigado a declarar hipocritamente que era contrário as torturas. Posando de jurista, o ministro Buzaid declarou que "tortura é crime" e adiantou que se houvesse denúncias concretas êle as mandaria apurar. Mas logo apressou-se a dizer que era muito difícil comprovar as violencias cometidas, pois "os choques elétricos e outros meios de suplício não deixam marcas".

Estas declarações são palavras vazias destinadas a empulhar a opinião pública. As torturas e massacres de presos continuam como rotina nos interrogatórios. Na polícia e no Exército, os detidos são tratados barbaramente e alguns morrem nas mãos dos verdugos. Inúmeros presos passaram dezenas de horas supliciados nos "pau-de-arara". O emprego do choque elétrico nas partes mais sensíveis do corpo é comu. Os "tiras" e oficiais das Forças Armadas esmeram-se na criação de novas formas de tormento. Tal é a selvageria e o n número de vítimas que, em São Paulo, há uma seção no Hospital das Clínicas especialmente dedicada à recuperação de presos seviciados.

A Justiça Militar, diariamente, pelos motivos mais fúteis, condena dezenas de pessoas. Velhos processos, iniciados em 1964, já arquivados são reabertos. Todos os dias são instaurados novos processos, que atingem amplas camadas sociais, inclusive o clero. Ainda recentemente, o bispo de Volta Redonda e mais quinze sacerdotes foram indiciados como "subversivos".

Pràticamente não existe o direito de defesa. Os advogados sofrem tôda a espécie de pressão. Vários foram detidos para explicar seu interêsse pelos acusados. Em certos casos, os argumentos da defesa são utilizados para indiciar os próprios advogados. Se êstes denunciam violências policiais contra seus constituíntes são processados por calúnia. O recurso ao habeas-corpus está suspenso e os presos passam por longos períodos de incomunicabilidade.

Existe no Brasil um Estado policial-militar. Os órgãos de repressão investigam a vida dos cidadãos, exigem, a todo instante, a apresentação de documentos de identidade, obrigam qualquer pessoa, em plena rua, a abrir pacotes ou embrulhos que conduza. Nos aeroportos e estações rodoviárias e ferroviárias procede-se sistemàticamente vistoria de passageiros. As empresas imobiliárias são forçadas à entregar às autoridades policiais as fichas de seus inquilinos.

Os generais fascistas comandam a repressão. Nada significam as promessas de Garrastazu e Buzaid. Enquanto falam em direitos individuais as violencias multiplicam-se. O ministro da Aeronáutica declara que as punições vão continuar "sem considerações pessoais de nenhuma ordem", isto é, sem nenhum respeito à pessoa humana. E os "Esquadrões da Morte" voltaram com mais fúria a assassinar impunemente.

É preciso desmascarar com a maior energia o terrorismo da ditadura. A campanha contra as torturas e as prisões, por motivos políticos, vai ganhando impulso. Denúncias e protestos surgem em número cada vez maior. Mesmo a imprensa censurada reflete o movimento de condenação às arbitrariedades e sevícias praticadas contra os presos. Ainda que timidamente, alguns parlamentares manifestam repulsa aos processos utilizados nos interrogatórios. Boa parte do clero católico verbera a brutalidade empregada nos quartéis e delegacias de polícia contra padres, estudantes, intelectuais e trabalhadores. Tem sido de grande valor a revelação no estrangeiro dos crimes da ditadura e a solidariedade de outros povos às vítimas da reação no Brasil.

Esta campanha contra o terrorismo do govêrno tem caráter profundamente democrático. É uma luta contra o regime fascista imperante no país. Por isto mesmo pode unir os mais amplos setores da população e contribuir para desmascarar e isolar os generais reacionários que governam a nação. Garrastazu e seus comparsas são réus que se comparam aos criminosos de guerra.

Panorama Internacional

DIPLOMACIA DE BANDIDOS

As conversações de Helsinque entre a União Soviética e os Estados Unidos e os entendimentos de Moscou entre o Cremlin e o govêrno de Bonn são bastante reveladores da infame traição ao movimento revolucionário da camarilha revisionista que dirige a URSS. Mostram, mais uma vez, o caráter social-imperialista do atual Estado Soviético e sua política exterior voltada contra os interêsses da paz, da independência das nações e do socialismo.

Na capital da Finlândia, as delegações soviética e norte-americana, em meio a faustosas recepções sociais, discutiram várias semanas um acôrdo geral, sob a máscara de limitação das armas estratégicas. Como se fôssem donas do mundo, as chamadas superpotências trataram de estabelecer normas para todos os países e de prosseguir na sua orientação de chantagem nuclear contra os povos. Ianques e soviéticos, ambos perseguindo fins imperialistas, chegaram a acordos preliminares para a cooperação multilateral.

A euforia dos dirigentes revisionistas é imensa. *Pravda*, refletindo esta satisfação, reputa que "as negociações tiveram caráter positivo" e chega ao cúmulo de afirmar: "Os Estados Unidos consideram oportuno levantar uma barreira contra o desencadeamento da corrida armamentista". Segundo o jornal moscovita, os Estados Unidos, a potência mais agressiva e mais imperialista do mundo, estariam interessados em deter a corrida aos armamentos que propicia aos trustes e monopólios norte-americanos lucros astronômicos e é instrumento de subjugação dos povos. É sabido que a corrida armamentista já foi desencadeada há vários anos e adquire hoje intensidade jamais vista. Portanto, tais afirmações não passam de deslavadas mentiras. Assim agindo, Brezhnev e Kossiguin procuram jogar areia nos olhos das massas para esconder o ignominioso e sinistro acôrdo que concertam com seus parceiros de Washington.

O objetivo real das conversações de Helsinque é levar adiante a política de divisão do mundo em esferas de influência dos Estados Unidos e da União Soviética. Tais conversações visam fundamentalmente a agressão contra a China e o esmagamento das lutas revolucionárias em todo o mundo. Moscou quer amainar suas divergências com Washington e concentrar seu poderio militar contra o mais populoso país da Ásia. O encontro realizado na Finlândia nada tem de comum com a paz. Está marcado pelo signo da guerra. É uma conjura contra os povos de todos os continentes, em particular contra os chineses.

No que se refere ao entendimento entre Moscou e Bonn, estão presentes também propósitos imperialistas. Êle se processa com grande rapidez e num ambiente de entusiasmo e "mútua compreensão". A URSS de Brezhnev deseja uma composição com a Alemanha Ocidental. Pretende ficar com as mãos livres para agir na Ásia. Tendo em conta ùnicamente seus interêsses de grande potência, a União Soviética não vacila em negociar com os imperialistas germânicos em detrimento da República Democrática Alemã.

Tanto as conversações de Helsinque como as de Moscou evidenciam o farisaísmo da política revisionista. Os manda-chuva do PCUS proclamam freqüentemente que os imperialistas norte-americanos constituem o principal perigo para os povos, mas vivem de braço-dado com êles, ajustam acordos e ajudam-se uns aos outros. Embora tenham divergências — e estas são inevitáveis entre países imperialistas — encontram sempre o campo comum da colaboração mais estreita, em prejuízo da paz e da independência dos povos. Os dirigentes da URSS, até há pouco, não se cansavam em afirmar que a Alemanha Ocidental expressava o revanchismo alemão e era o pior inimigo das nações da Europa. Agora se conluiam com Willy Brandt e com êle buscam um ajuste de cooperação e amizade. Salta à vista que suas palavras estão sempre profundamente divorciadas dos atos.

As sujas manobras diplomáticas do govêrno soviético representam séria ameaça à paz mundial e à liberdade dos povos. Por mais que êle se esforce em mascarar o verdadeiro conteúdo de tais manobras não conseguirá esconder sua essência agressiva e espoliadora. As massas saberão, em tôda parte, manifestar sua repulsa à política da camarilha dirigente da União Soviética e intensificarão sua luta contra o revisionismo e o imperialismo.

Rockefeller: Mais Repressão na América Latina

Logo no início de seu govêrno, Nixon foi criticado por manifestar pouco interêsse pela América Latina. Para provar o contrário, mandou para cá um homem que tem grandes interesses na região: investimentos no petróleo, bancos, redes de supermercados, empresas de exportação de produtos agrícolas, fundos de investimento, etc. Ninguém melhor do que Nelson Rockefeller poderia representar o imperialismo americano, na qualidade de inspetor de colônias. O atual governador de Nova Iorque é hoje a principal figura de uma típica dinastia financeira que nasceu com a fundação, pelo seu pai, da Standard Oil e que se consolidou em meio a sujas manipulações comerciais que chegaram a causar escândalo até nos Estados Unidos.

Recentemente foi publicado o relatório final da Missão Rockefeller. Minucioso, enfático, cheio dêsse farisaísmo retórico característico dos políticos norte-americanos, o documento serve para mostrar em que sentido se desenvolve a política ianque para a América Latina. Êsse sentido é o de estímulo e apoio crescentes a governos militares.

A imagem publicitária que o imperialismo norte-americano procura impingir à opinião pública é de que os Estados Unidos são o país da democracia, da liberdade, do respeito aos direitos humanos, etc. Após o fracasso histórico do fascismo os monopolistas ianques procuram aparecer como democratas. É claro que isto nunca impediu que os Estados Unidos apoiassem em todo o mundo ferozes ditaduras, como a de Franco. Sempre mantiveram boas relações com os ditadores militares na América Latina. Mas — um pouco para preservar hipocritamente a imagem de país democrático e um pouco por pragmatismo (exemplos como o de Batista, em Cuba, mostraram que às vêzes uma ditadura militar acelera a revolução) — os Estados Unidos chegaram a formular restrições, mais aparentes do que reais, aos chamados "governos autoritários" na América Latina. Uma parcela "liberal" da burguesia americana desejaria que a dominação imperialista se realizasse por processos "democráticos".

O Relatório Rockefeller defende aberta e exaustivamente a tese de que tais escrúpulos não têm razão de ser. Diz o conhecido magnata que "democracia é problema muito sutil e difícil para a maioria das outras nações do Hemisfério". E mais adiante afirma que "... um novo tipo de militar surge projetando-se na vanguarda nacional e tornando-se freqüentemente fôrça expressiva para a construtiva mutação social nas repúblicas americanas". Acrescenta ainda: "Motivado por crescente impaciencia com a corrupção, ineficiencias e estagnação da ordem política, o militar moderno está preparado para adaptar sua tradição autoritária aos objetivos do progresso social e econômico". É a experiencia brasileira que Rockefeller generaliza: um golpe militar em nome da democracia que instaura uma ditadura, promessas de reformas para apaziguar os descontentamentos, repressão sangrenta contra o movimento popular, periódicas "aberturas democráticas" às quais se seguem novos passos no caminho do endurecimento da ditadura e — acima de tudo — entreguismo desenfreado. Nós, brasileiros, conhecemos bem o gôsto amargo dessa receita de "mutação" ou "progresso econômico e social".

Rockefeller faz ressalvas. Adverte que os militares podem revelar inclinações nacionalistas. A referencia é certamente ao Peru, onde o general Alvarado entra em conflito, em algumas questões, com interesses norte-americanos, embora continue servindo o imperialismo, dentro da tradicional linha nacional-reformista. Mas esta advertência de Rockefeller visa a demonstrar que, por isto mesmo, os Estados Unidos devem dar maior atenção, apoio e estímulo aos militares latino-americanos. Aproximando-se dêles, poderão controlá-los melhor e evitar o surgimento de qualquer tendencia nacionalista.

A questão política central do Relatório é esta: os Estados Unidos devem tudo fazer para que os militares se tornem cada vez mais eficientes "gendarmes" dos seus próprios povos. Apresenta um longo elenco de sugestões para aumentar e melhorar a ajuda norte-americana às fôrças armadas e as polícias latino-americanas, com vistas à repressão interna.

Rockefeller sugere que os Estados Unidos também se aparelhem melhor para garantir o seu domínio na América Latina. Propõe uma série de medidas de organização, entre as quais sobressai a criação do cargo de secretário do Hemisfério Ocidental no govêrno ameri-

NOVE ANOS DE LUTAS

Dirigindo a luta heróica dos sul-vietnamitas contra os agressores norte-americanos e seus lacaios, a Frente de Libertação Nacional comemorou, no dia 17 de dezembro, o 9º aniversário de sua fundação. Surgida da resistência à ditadura que sufocava pelo terror os anseios de liberdade e de reunificação do país, a FLN, pouco a pouco, transformou-se numa poderosa fôrça que, hoje, engloba a esmagadora maioria do povo. Isto se deve a que soube elaborar e seguir uma política correta de luta democrática e de independência nacional e enveredar corajosamente pelo caminho da guerra popular.

A FLN, nestes nove anos, deu exemplo ao mundo de como enfrentar com êxito os mais poderosos inimigos e obter destacadas vitórias. Sob sua liderança, um pequeno povo resistiu às investidas mais furiosas do imperialismo norte-americano e assestou-lhe golpes demolidores. Destruiu milhares de aviões, destroçou inúmeras bases militares, arrasou arsenais de guerra e infligiu pesadas baixas às tropas dos Estados Unidos. Mais de meio milhão de soldados ianque encontram-se impotentes diante do ímpeto da guerra popular.

De pequenos núcleos guerrilheiros que atuavam nas condições mais difíceis, contando com amplo apoio das massas, foi-se estruturando paulatinamente, o exército popular cujas façanhas despertam admiração de todos os povos. A FLN é a fôrça dirigente dêste exército.

Desfraldando a bandeira da unidade e apresentando um programa que corresponde às aspirações gerais do povo, a FLN fortaleceu-se, ampliou sua esfera de influência e chegou a organizar o Govêrno Provisório que administra vastas zonas libertadas, correspondendo a quatro quintos do território sul-vietnamita.

Os comunistas brasileiros saúdam o 9º aniversário da Frente de Libertação Nacional do Vietname do Sul e vêem em sua luta um grande estímulo para o povo do Brasil que busca o caminho da libertação nacional e da democracia popular. Consideram a solidariedade ao povo sul-vietnamita um dever de honra. Estão certos de que a FLN, presidida por Nguyen Hu Tho, alcançará completa vitória sobre os invasores ianques e seus títeres.

(Continuação da página 5)

cano. É a constituição de um verdadeiro ministério das colônias que o "big boss" da Standard Oil propôs e que o govêrno de Nixon acaba de encampar.

Rockefeller sugere a formação de um Conselho de Segurança do Hemisfério Ocidental que se encarregaria de aplicar e coordenar em todo o Continente a política de repressão. Assim, os Estados Unidos passariam a controlar e orientar mais diretamente todo o sistema repressivo dos países latino-americanos. Em relação com isto, o govêrno ianque deve intensificar e ampliar o treinamento e o aparelhamento das polícias e fôrças armadas das nações ao sul do Rio Grande com o objetivo de esmagar pela violência o movimento popular e antiimperialista. O Conselho de Segurança seria composto de civis e teria sede fora dos Estados Unidos. Nesta sugestão aparece, como aliás em todo o Relatório, a preocupação de salvar a face, de mascarar a verdadeira natureza imperialista e militarista da política norte-americana.

O palavreado em tôrno de progresso, desenvolvimento, justiça social etc., que abunda no Relatório, além da insistência nos grandes méritos dos investimentos privados ianques, e as concessões de natureza econômica às oligarquias nativas nêle sugeridas — como melhores condições para a exportação dos produtos latino-americanos — não conseguem ocultar o seu sentido principal: reação, repressão, violência contra os povos latino-americanos. O Relatório revela, assim, o que constitui a essência do imperialismo norte-americano, o seu caráter agressivo, espoliador, sanguinário e banditesco.

No final de seu Relatório, Rockefeller afirma: "... o solo espiritual no Hemisfério é fértil para mudanças — e as fôrças que alimentariam a revolução estão prontas e no lugar certo". Nisso êle tem tôda a razão. Os povos da América Latina iniciaram a sua arrancada revolucionária. E nada os deterá.

Guia Inesquecível do Proletariado Mundial

Por motivo da passagem, a 21 de dezembro, do 90º aniversário de nascimento de J. V. Stálin, o proletariado internacional e os marxistas-leninistas reverenciam a memória desse grande dirigente do movimento operário revolucionário.

Stálin participou da atividade bolchevique durante quase sessenta anos. Foi um dos pioneiros que abriram para a Humanidade a passagem da apodrecida sociedade capitalista para a nova sociedade socialista. Esteve à frente, durante trinta anos, da construção e consolidação do primeiro Estado Socialista do mundo. Depois da morte de Lênin, liderou o Partido Bolchevique e o movimento comunista internacional, exercendo enorme e benéfica influência sôbre o curso da luta emancipadora dos povos. Quando faleceu, em 1953, havia se tornado uma das figuras mais destacadas da época contemporânea, digno continuador da causa de Marx, Engels e Lênin.

Os revolucionários proletários do Brasil sentiram imensamente sua perda. Nosso povo guardou de Stálin uma lembrança inolvidável: a do homem firme na luta, a do chefe em quem se pode depositar confiança, a do revolucionári o de poucas e claras palavras e de muita ação. Era assim que, principalmente na guerra contra a Alemanha nazista e, posteriormente, na luta contra os imperialistas dos Estados Unidos e em favor da causa da paz, víamos Stálin.

Logo após a morte dêste eminente marxista-leninista, os renegados revisionistas krushovistas desencadearam virulenta campanha de calúnias contra êle, atribuindo-lhe a culpa de crimes que jamais cometeu. Levaram sua infâmia a ponto de retirar seu corpo do mausoléu da Praça Vermelha, onde repousava, merecidamente, ao lado de Lênin, tentando por meio da intimidação enxovalhar sua memória e apagar sua lembrança do coração dos homens simples da União Soviética e dos trabalhadores de todo o mundo. Também no Brasil, os revisionistas liderados por Prestes fizeram côro com os ataques de Kruschov a Stálin.

A princípio, os renegados revisionistas conseguiram ofuscar algumas mentes e confundir a muitos sinceros revolucionários. Mas como a chamada campanha contra o "culto à personalidade" era falsa, não tardou que a verdade aparecesse. Essa campanha ocultava em seu bojo a usurpação do poder proletário na União Soviética pela camarilha revisionista e iniciava a ofensiva da nova burguesia soviética contra a ditadura do proletariado e a revolução. Os fatos comprovaram que o combate ao "culto à personalidade" tinha caráter anti-soviético e anti-socialista, visava a restaurar o capitalismo na União Soviética.

No entanto, dentro da URSS como no exterior, surgiram fôrças que se levantaram para rechaçar as acusações contra Stálin e denunciar o propósito revisionista e contra-revolucionário da campanha contra o "culto à personalidade". O Partido Comunista da China, o Partido do Trabalho da Albânia e outras fôrças marxistas-leninistas mostraram que Stálin foi um insigne marxista e um grande expoente da causa do comunismo.

As obras de Stálin e os exemplos admiráveis de sua vida de lutas permanecem vivos e atuais e guiam e estimulam as novas gerações de revolucionários.

Stálin nasceu na Geórgia. De origem humilde, com a idade de 15 anos, ingressou no movimento operário e revolucionário da Transcaucásia. Nos primeiros anos dêste século começou a tomar conhecimento da atividade de Lênin. Desde então, converteu-se num ardente leninista. Defendeu os princípios ideológicos, táticos e organizativos do partido de nôvo tipo, formulados por Lênin, e combateu os mencheviques e outras correntes oportunistas. Stálin fundamentou, desde 1904, a teoria e o programa do Partido em relação à questão nacional e nos anos seguintes transformou-se num clássico do marxismo-leninismo neste assunto.

Em fevereiro de 1917, no curso da Pri-

ção na Rússia, que depôs o tzar e proclamou a república. Colocou-se na ordem-do-dia a revolução socialista para salvar o país da guerra e da catástrofe e levar o proletariado ao Poder. Stálin, que já era um dirigente experimentado e um dos mais íntimos colaboradores de Lênin, o genial chefe da revolução, jogou um papel de primordial importância na mobilização das massas e do Partido para a tomada do Poder pela classe operária.

Sem nenhuma dúvida, Stálin foi um dos dirigentes da Grande Revolução Socialista de Outubro, que inaugurou a era da ditadura do proletariado, do socialismo para os povos, era tempestuosa e ao mesmo tempo a mais brilhante de tôda a História humana, que marca o início da passagem do capitalismo ao socialismo. Ao lado de Lênin, fundador do primeiro Estado Socialista, Stálin empenhou-se em salvaguardar a imensa e histórica conquista do proletariado russo e mundial, em criar uma nova União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e em consolidar o jovem Poder soviético de operários e camponeses. Estão ligadas a seu nome vitórias decisivas nas frentes da guerra civil e da luta contra a intervenção armada estrangeira, imperialista, bem como iniciativas em favor das nacionalidades oprimidas pelo tzarismo.

Com a morte de Lênin, em janeiro de 1924, Stálin passa a ser o chefe do Partido. O nôvo regime soviético e o Partido Bolchevique vão atravessar um período dos mais críticos, já que a luta de classes, com a ditadura do proletariado, adquiria novas características e formas mais agudas. O programa e as indicações de Lênin para a construção do socialismo na Rússia atrasada e de maioria camponesa eram, evidentemente, decisivas e preciosas, mas exigiam um esfôrço gigantesco. Cabia ao Partido Bolchevique, sob a orientação de Stálin, levar a cabo as transformações necessárias, em condições extremamente difíceis e trilhando por um caminho desconhecido. A União Soviética achava-se então sob cerrado cêrco capitalista. Internamente, não era fácil tirar da ruína a indústria e a agricultura e criar, com recursos próprios, uma indústria pesada e uma agricultura coletiva, moderna, socialista. A isso somavam-se complexos problemas de ordem ideológica e política, originados por essas dificuldades e pelas vacilações da pequena burguesia, que se refletiam em tendências oportunistas e capituladoras dentro do Partido.

Os bolcheviques, dirigidos por Stálin, não se atemorizaram e juraram cumprir e preservar o legado de Lênin e fazer avançar a revolução socialista. Stálin fundamentou e desenvolveu a tese de Lênin sôbre a possibilidade da construção do socialismo num só país, defendeu e salientou o significado do leninismo como o marxismo da época do imperialismo, da revolução proletária e da ditadura do proletariado. Esta contribuição teórica e ideológica teve extraordinária importância para todo o movimento revolucionário e comunista mundial.

Com fé ilimitada na capacidade e na energia criadora das massas e apoiado na justeza do marxismo-leninismo, Stálin entregou-se a uma obra ciclópica e enveredou por um caminho inexplorado. "Transformar nosso país de agrário em industrial, capaz de produzir com seus próprios meios as máquinas necessárias, nisto reside a essência de nossa linha geral", afirmou em dezembro de 1925. E esclareceu que sem esmagar ideològicamente o trotzquismo não era possível triunfar nas condições da Nova Política Econômica (NEP), nem conseguir a conversão da Rússia atrasada em Rússia socialista. Isto porque o trotzquismo significava a negação da possibilidade de construir o socialismo num só país, porque capitulava ante às dificuldades, porque não tinha confiança nem nas fôrças do proletariado nem nas do campesinato revolucionário. E diante do atraso da agricultura em face da indústria, situação que punha em risco toda a economia nacional, Stálin afirmava, naquela mesma ocasião, que a solução estava "na passagem das pequenas explorações camponesas dispersas para as grandes explorações unificadas sôbre a base do cultivo comum da terra, na passagem para o cultivo coletivo da terra sôbre a base de uma técnica nova e mais elevada". Mas quando tomaram a ofensiva para eliminar os camponeses ricos como classe exploradora, os bolcheviques tiveram de esmagar ideològicamente os capituladores de direita, Bukhárin e seus adeptos, que eram agentes dos kulaks dentro do Partido.

Os primeiros e vitoriosos planos qüinqüenais de industrialização socialista, a coletivização da agricultura, verdadeira revolução operada no campo russo, assim como a incorporação de milhões de trabalhadores, cheios de entusiasmo, para a grande obra de edificação socialista, representaram um triunfo histórico da ditadura do proletariado, da ideologia socialista, do Partido Bolchevique e de Stálin.

Todos os adversários de Stálin e da ditadura do proletariado, em especial os revisionistas kruschovistas, o difamam e o acusam de ter realizado a edificação das bases do socialismo na União Soviética por métodos brutais, violando a democracia proletária e a legalidade socialista...

da demagogia e da especulação política. Não têm interêsse em discutir sèriamente as condições reais da época em que Stálin e os bolcheviques tiveram de trabalhar duramente para alcançar seu grandioso objetivo. E nem podem recordar que Lenin era também acusado de "despótico" e de "comportar-se ditatorialmente" pelos oportunistas que, naquele tempo, se opunham à consolidação do Poder proletário e à obra de construção econômica, através de medidas férreas, de contrôles rígidos e de uma rigorosa disciplina.

O povo soviético confiava em Stálin. Sem o apoio do povo as bases econômicas do socialismo não poderiam ser edificadas. Só os inimigos impenitentes do socialismo e de Stálin têm coragem de dizer que as justas medidas contra os sabotadores e os agentes burgueses e da reação fascista foram desnecessárias. A vida se encarrega, a cada dia, de mostrar que as riquíssimas experiências adquiridas pelos povos soviéticos naquele período constituem, hoje, um valioso patrimônio do proletariado e do movimento comunista e que o nome de Stálin continua sendo uma grande bandeira.

Quando o fascismo estava em ascensão no mundo, Stálin mostrava que o fascismo era uma ditadura terrorista a serviço do capital financeiro contra a democracia e o socialismo, que preparava febrilmente nova guerra imperialista. Apesar dos esforços da União Soviética para evitar a eclosão da II Grande Guerra, a Alemanha de Hitler iniciou nova conflagração mundial e, em junho de 1941, atacou pèrfidamente o país soviético. O regime socialista teve de suportar a mais dura de tôdas as suas provas. Diante da agressão da Alemanha nazista, a União Soviética corria perigo mortal. Stálin convocou o povo soviético para a luta de vida ou morte contra o hitlerismo e exortou-o a reorganizar todo seu trabalho em função da guerra e da vitória. Definiu o caráter da guerra e traçou uma justa orientação para enfrentar as hordas fascistas. "Nossa guerra pela liberdade da Pátria — disse — se fundirá com a luta dos povos da Europa e da América por sua independência e pelas liberdades democráticas. Será uma frente-única dos povos que defendem a liberdade contra a subjugação e a ameaça de dominação pelos exércitos de Hitler". Esta política mostrou-se inteiramente correta.

A heróica resistência dos povos soviéticos ao ataque dos canibais fascistas, julgados até então invencíveis, comoveu e alentou os povos do mundo inteiro. Após quatro anos de morticínios e destruições sem paralelo na história das guerras, triunfou a justa causa defendida pelos povos antifascistas. Com as palavras-de-ordem de "Pela Pátria!" e "Por Stálin!", os soldados soviéticos foram até Berlim, onde içaram a bandeira vermelha da vitória. Em seguida, a União Soviética sob a direção de Stálin, decidiu extinguir o segundo foco de guerra, representado pelo Japão militarista. Êste, atacado por todos os lados, teve de capitular incondicionalmente. Chegara, assim, a paz tão ansiada pelos povos de todo o mundo.

Na severa prova da guerra, portanto, o regime socialista surgido da Revolução de Outubro revelou-se o mais forte. A União Soviética foi o principal artífice da vitória, saindo da guerra mais poderosa e prestigiada do que nunca.

A vida e a atividade de Stálin sempre estiveram ligadas ao movimento operário e comunista internacional, com a luta de libertação dos povos oprimidos. Procurando cumprir o mandato leninista no sentido de fortalecer e ampliar a união dos trabalhadores do mundo inteiro — a Internacional Comunista — Stálin contribuiu para o agrupamento da vanguarda revolucionária proletária de todos os países e para a formação dos dirigentes comunistas. Sempre considerou da máxima importância a coordenação da luta do proletariado internacional, a fixação de uma estratégia e tática comuns na luta pelos objetivos fundamentais da revolução.

Após a II Guerra Mundial, Stálin mostrou que o imperialismo norte-americano era o principal inimigo da Humanidade e advertiu contra os perigos que ameaçavam o movimento comunista caso não lutasse decididamente contra os belicistas ianques, subestimasse as próprias fôrças e exagerasse as do inimigo. Combateu de modo intransigente as primeiras manifestações do revisionismo que tiveram em Tito seu principal porta-voz, colocou em guarda o movimento comunista contra essa tendência burguesa e mostrou que se o Partido Comunista Iuguslavo continuasse a marchar pelo caminho do revisionismo, fatalmente degenerariam em partido burguês e a Iugoslávia voltaria ao capitalismo.

Em vésperas de sua morte, Stálin levantou-se contra uma série de idéias e tendências que estavam se desenvolvendo na própria União Soviética. No seu trabalho "Problemas Econômicos do Socialismo na URSS" estão efetivamente rebatidas várias teses revisionistas kruschovistas. Uma destas teses diz respeito ao caráter da luta pela paz que então era apresentada, por certos elementos, de modo oportunista, revisionista. Stálin indicou que a luta pela paz, naquela época, tinha objetivos limitados. Declarou que enquanto existisse o imperialismo continuaria a existir o perigo de novas guerras e que não era correto confundir o movimento democrático para manter uma paz determinada com o movimento revolucionário, socialista, para liquidar a guerra e o imperialismo.

Finalmente, em discurso no XIX Congresso do PCUS, em 1952, Stálin aconselhou, de modo sábio e clarividente, os partidos comunistas e operários de todos os países onde dominasse o capital e a reação política, a desfraldar e a manter firmemente em suas mãos as bandeiras da luta pela independência nacional e pelas liberdades democráticas se quisessem reunir em tôrno de si a maioria da nação e conquistar o Poder. Numa síntese precisa e clara, mostrou que a burguesia havia jogado fora, de há muito, essas bandeiras e que cabia aos comunistas levantá-las com tôda a coragem e confiança, pois as condições lhes eram favoráveis em conseqüência de terem surgido no mundo e se fortalecido novas e poderosas nações socialistas. Êsse famoso discurso, o último que proferiu, constituiu todo um programa de ação para o movimento comunista internacional, discurso pleno de espírito revolucionário e de exaltado sentimento internacionalista.

No 90º aniversário de nascimento de J.V. Stálin, seu nome e sua obra destacam-se com maior fôrça e inspiram milhões de revolucionários em tôdas as partes. Os revisionistas tudo fizeram para enlamear a memória de Stálin e amesquinhar sua grandiosa obra. No entanto, o nome de Stálin agiganta-se cada vez mais, enquanto os renegados revisionistas, a exemplo de Kruschov, Brezhnev e Kossiguin, aparecem em sua minúscula dimensão, como traidores do marxismo-leninismo, do socialismo e da revolução mundial. Êles arriaram a bandeira da ditadura do proletariado sustentada, durante muitos anos, por Lênin e Stálin e transformaram a União Soviética num país imperialista.

Stálin entrou na História como um gênio do pensamento e da ação, como um leninista, como um exemplo para os revolucionários de todo o mundo.

PRIVILÉGIO

Em declaração à revista VEJA, o coronel Andreazza, antes de sua confirmação para o ministério de Garrastazu, declarou: "Terminada esta fase de ministro, evidentemente vou ter de trabalhar, pois a aposentadoria que recebo do Exército não chega a 2 milhões". Esta declaração é bastante eloqüente para mostrar os privilégios que desfrutam os militares. Enquanto a grande maioria do proletariado de São Paulo ganha o miserável salário de 156 mil cruzeiros mensais, labutando 8 horas por dia, o felizardo coronel diz não poder viver com quase 2 milhões por mes. E isto sem pagar aluguel, pois, segundo afirmou, é proprietário de um apartamento em Copacabana que vale quase duas centenas de milhões de cruzeiros.

A injustiça é gritante. Se Andreazza não pode viver com tão alta remuneração, como é possível a um trabalhador viver ganhando apenas 8% do que êle percebe? acontece ainda que o operário não possui nenhum apartamento nem pode arranjar outra fonte de renda como era propósito do antigo ministro de Costa e Silva.

Assim é a ditadura militar: para os trabalhadores arrocho salarial e para os militares elevados soldos e gratificações.

FELONIA

A imprensa noticiou com grande destaque a presença no Brasil de uma delegação governamental soviética que veio dar os últimos retoques à utilização imediata do crédito de 100 milhões de dólares colocados à disposição da ditadura pelo governo da União Soviética. No Itamarati, houve troca de discursos e felicitações mútuas pela nova fase nas relações entre os militares brasileiros e os revisionistas da URSS.

Tais fatos evidenciam o cunho reacionário da política soviética, sob a direção dos renegados Brezhnev e Kossiguin. Êstes traidores do socialismo falam muito em apoiar os movimentos de libertação nacional, mas, na realidade, o que fazem é ajudar com milhões de dólares governos como o de Garrastazu que vendem o país ao imperialismo ianque, matam e perseguem os autênticos defensores da independência do país.

A que ponto chega a felonia dos revisionistas soviéticos !

Mensagem ao PTA

Ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Ao Camarada Enver Hodja

Prezados camaradas.

Saúdamos entusiàsticamente o glorioso povo albanês pela passagem do 25º aniversário da libertação e da vitória da revolução popular na Albania. A data de 29 de novembro, que assinala o acontecimento mais destacado e fulgurante da história dêsse maravilhoso país, tem grande repercussão internacional. Enche de júbilo a todos os combatentes da emancipação dos povos, a todos os que pugnam pela nobre causa do socialismo.

O povo albanês, apoiado nas próprias fôrças, realizou, há vinte e cinco anos, admirável façanha. Dando mostras de heroísmo, libertou a pátria da ocupação estrangeira e do domínio das fôrças reacionárias. Pequenos núcleos de revolucionários, em condições muito difíceis, sob o terror fascista, não temeram recorrer às ações armadas, à luta de guerrilhas, para enfrentar um adversário brutal e poderoso. Pouco a pouco, foram se multiplicando e transformaram-se no exército popular que travou a guerra patriótica. Dirigida pelo partido dos comunistas, esta guerra mobilizou tôda a nação e derrotou os piores inimigos da Albânia.

A vitória da revolução trouxe a independência e a liberdade para a nação albanesa e criou as premissas para um rápido florescimento do país. Decorridos cinco lustros, da velha Albania resta apenas a lembrança de um passado de opressão, atraso e sofrimentos sem conta. A nova Albânia realizou notáveis transformações de sentido histórico. Superou enormes dificuldades e levou a cabo constantes esforços para mudar, em todos os aspectos, o panorama sombrio de um período ainda recente quando dominavam as fôrças reacionarias.

Hoje, os trabalhadores dos cinco continentes testemunham o vertiginoso progresso alcançado na pátria de Scanderbey. Surgiu uma indústria moderna e desenvolveu-se uma agricultura socialista adiantada. Ferrovias, antes inexistentes no país, cortam diferentes regiões, ao mesmo tempo que se amplia grandemente o sistema rodoviário. A energia elétrica já alcançou longínquas aldeias, aproximando-se o dia em que tôda a Albânia estará eletrificada. Desapareceu para sempre o analfabetismo e no setor educacional predominam métodos avançados de ensino. A ciência e a arte aprimoraram-se, estão a serviço do povo. Elevou-se o nível de vida das massas e há trabalho e oportunidade igual para todos. O povo albanês desfruta de uma autêntica democracia: homens e mulheres nas cidades e no campo tomam parte ativa na vida política.

A passos largos, a Albânia avança no caminho da completa edificação do socialismo.

As comemorações do 25º aniversário da libertação nacional ocorrem em meio a um profundo e extenso movimento de revolucionarização da consciência das massas. Desenvolve-se um processo de reeducação ideológica para forjar o nôvo homem, livre das idéias retrógradas das classes exploradoras derrotadas pela revolução. Vai-se definindo uma outra fisionomia da nação albanesa, modelada pelo proletariado e seu partido, tendo em vista o futuro esplendoroso do comunismo. Esta batalha no campo da ideologia serve para prevenir o aparecimento do revisionismo e para garantir a marcha ininterrupta da revolução socialista.

Um quarto de século após a instauração da ditadura do proletariado, a Albânia, que no antigo regime era espezinhada e quase desconhecida, ocupa agora importante lugar na arena internacional. Sua voz faz-se ouvir sempre mais enérgica na defesa dos povos oprimidos e da classe operária. Resistindo a tôda sorte de pressões dos revisionistas soviéticos e opondo-se valentemente ao imperialismo ianque e seus lacaios, granjeou a admiração da humanidade progressista. Sua intransigente posição de combate aos adversários da soberania das nações e em prol da emancipação dos trabalhadores assegurou-lhe o respeito dos verdadeiros revolucionários. Quem almeja fazer a revolução encontra na Albânia apoio caloroso, fraternal e desinteressado. Ela tornou-se um bastião avançado do socialismo na Europa.

A República Popular da Albânia é exemplo brilhante de luta pela preservação da independência nacional e das suas extraordinárias conquistas. Embora um país pequeno, não teme as ameaças do social-imperialismo soviético e dos monopolistas norte-americanos, resguarda corajosa e zelosamente sua soberania. As declarações dos dirigentes albaneses de que seu país está pronto a repelir qualquer agressão despertam entusiasmo e infundem confiança às massas populares de toda parte. Na ingente e honrosa tarefa de salvaguardar a inviolabilidade do território nacional, a Albânia conta com o apoio e a solidariedade de todos os que amam a liberdade e lutam contra o imperialismo. Compreendemos, nós os comunistas brasileiros, que a defesa da Albânia é dever internacionalista irrecusável, estreitamente ligado à luta de cada povo pela vitória da revolução em seu próprio país.

Os notáveis êxitos obtidos pelo povo albanês, desde o início da luta libertadora, estão indissoluvelmente vinculados à direção e à atividade do Partido do Trabalho da Albânia. Forjado nos embates de classe e na permanente união com o povo, o PTA cumpriu e cumpre papel decisivo na transformação da sociedade albanesa. As grandes massas trabalhadoras veem nele o guia comprovado e insubstituível, o organizador das vitórias alcançadas, o portador das elevadas idéias do comunismo. Seus dirigentes são pessoas capazes, temperadas nas lutas e devotadas, de corpo e alma, aos interêsses do proletariado. Enver Hodja é, sem dúvida, um dos mais acatados marxistas-leninistas e um dos líderes do movimento comunista internacional. O PTA desfruta de indiscutível prestígio entre os trabalhadores de todo o mundo. É fonte de inspiração para os revolucionários dos diferentes países.

Precisamente porque sempre se apoiou no marxismo-leninismo e soube aplicá-lo corretamente às condições concretas do seu país, o Partido do Trabalho da Albânia conquistou, nestes vinte e cinco anos, êxitos tão marcantes. A grande doutrina do proletariado, manejada com mestria e espírito criador por um partido destemido e conseqüente como o PTA e por líderes talentosos e provados da estirpe de Enver Hodja, revelou sua pujança e fôrça tansformadora. Esta doutrina foi enriquecida na Albânia socialista. Nas circunstâncias mais adversas, o PTA defendeu ardorosamente a pureza do marxismo-leninismo, desmascarou sem piedade os renegados do socialismo, prestando assim serviços inestimáveis à revolução mundial. Tal posição de princípios é parte relevante de toda uma conduta de fidelidade à teoria revolucionária da classe operária.

O Partido Comunista do Brasil regozija-se, neste 29 de novembro, com os magníficos resultados obtidos pelos trabalhadores albaneses. Desejamo-lhes novos e maiores sucessos. Reputamos as vitórias da República Popular da Albânia como nossas próprias vitórias. Elas constituem estímulo à dura e difícil luta que se trava no Brasil contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano, por um govêrno popular revolucionário. Orgulhamo-nos de ser irmãos de ideais e de luta do Partido do Trabalho da Albânia. Une os nossos dois partidos sólida e indestrutível amizade revolucionária. O fortalecimento desta amizade somente pode honrar os comunistas brasileiros.

Que a Albânia se aproxime sempre mais da luminosa meta do comunismo! São os nossos melhores e sinceros votos.

Salve o 25º aniversário da libertação e da vitória da revolução popular na Albânia !

Viva o Partido do Trabalho da Albânia !

Viva o invencível marxismo-leninismo !

Viva o camarada Enver Hodja !

Rio de Janeiro, novembro de 1969

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL